



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PAULA ROBERTA DA SILVA PEREIRA

**ARTE E RESISTÊNCIA: O artesanato de Maria como expressão da Cultura e
identidade quilombola**

BRAGANÇA-PA

2025

PAULA ROBERTA DA SILVA PEREIRA

ARTE E RESISTÊNCIA: O artesanato de Maria como expressão da Cultura e identidade quilombola

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia,

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Rodrigues Cardoso

BRAGANÇA-PA

2025

PAULA ROBERTA DA SILVA PEREIRA

ARTE E RESISTÊNCIA: O artesanato de Maria como expressão da Cultura e identidade quilombola

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia,

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Rodrigues Cardoso

APROVADO EM: / /

CONCEITO: _____

BANCA AVALIADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Gorete Rodrigues Cardoso
Orientadora – Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Avaliadora – Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Avaliadora – Universidade Federal do Pará

ARTE E RESISTÊNCIA: O ARTESANATO DE MARIA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA E IDENTIDADE QUILOMBOLA

Paula Roberta da Silva Pereira ¹

RESUMO

Este artigo analisa como o artesanato, enquanto prática cultural, contribui para a preservação da identidade quilombola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, com revisão bibliográfica, que utilizou a entrevista biográfica realizada de forma online, via *WhatsApp*, com a artesã Maria, residente na comunidade remanescente de quilombo de Jacarequara. A análise das respostas abertas foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicam que o artesanato de barro atua como elemento articulador de ancestralidade, tradição, pertencimento e sobrevivência simbólica e econômica, fortalecendo a identidade cultural da comunidade. Conclui-se que discutir o artesanato como estratégia de resistência cultural e valorização patrimonial é fundamental, evidenciando sua contribuição para a visibilidade da comunidade e para o desenvolvimento do turismo local.

Palavras-chave: artesanato quilombola; identidade cultural; tradição; pertencimento; resistência cultural.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBID. E-mail: paularoberta192025@gmail.com

ABSTRACT

This article analyzes how handicrafts, as a cultural practice, contribute to the preservation of quilombola identity. This is a qualitative, descriptive study with a literature review, which used an online biographical interview conducted via WhatsApp with Maria, an artisan living in the remaining quilombo community of Jacarequara. The analysis of the open-ended responses was performed using content analysis. The results indicate that clay crafts act as an articulating element of ancestry, tradition, belonging, and symbolic and economic survival, strengthening the cultural identity of the community. It is concluded that discussing crafts as a strategy for cultural resistance and heritage appreciation is fundamental, highlighting their contribution to the visibility of the community and the development of local tourism.

Keywords: quilombola crafts; cultural identity; tradition; belonging; cultural resistance.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 História das Comunidades Quilombolas no Brasil e na Amazônia	10
3.2 Práticas Culturais de Sustentabilidade nas Comunidades Quilombolas .	12
3.3 O Artesanato de Barro como Expressão de Identidade e Patrimônio Imaterial.....	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1 Identidade Quilombola e Pertencimento	14
4.2 Ancestralidade e Tradição.....	15
4.3 Valorização dos Saberes e Técnicas Tradicionais	16
4.4 Sobrevivência Simbólica e Econômica	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

A arte artesanal desempenha um papel crucial na construção e manutenção das identidades culturais, sobretudo em comunidades tradicionais que resistem às imposições homogeneizantes da sociedade contemporânea. No contexto das comunidades quilombolas, o artesanato constitui não apenas uma forma de expressão estética, mas também um instrumento de resistência, transmissão de saberes ancestrais e afirmação identitária. Quando elaborado com traços culturais específicos, o artesanato torna-se um referencial para os moradores da comunidade, sendo um marco simbólico da identidade quilombola. Esse vínculo entre produção artesanal e identidade cultural contribui significativamente para o fortalecimento da vida comunitária e para a reprodução sociocultural, como ocorre nas comunidades remanescentes de quilombos, que utilizam os recursos naturais do território que ocupam para dar continuidade aos seus modos de vida tradicionais (Mello; Froehlich, 2022).

A pesquisa parte da compreensão de que a cultura quilombola é sustentada por saberes tradicionais, que remontam aos conhecimentos herdados dos ancestrais escravizados. Tais saberes são transmitidos, com frequente protagonismo feminino, de forma oral e prática entre as gerações, caracterizando-se como patrimônio imaterial de inestimável valor. A figura da matriarca, como detentora e transmissora de técnicas e saberes, evidencia o papel central da mulher quilombola nesse processo de conservação social, histórica e cultural (Mello; Froehlich, 2022). Nesse sentido, a artesã Maria, moradora da comunidade quilombola de Jacarequara, simboliza essa resistência ativa, ao utilizar o artesanato como forma de expressão identitária e de afirmação cultural.

Diante desse contexto, a presente pesquisa se propõe a investigar: como o artesanato contribui para a preservação da cultura e identidade quilombola? Mais especificamente: de que forma Maria, enquanto artesã quilombola, utiliza o artesanato como expressão de sua identidade e tradição ancestral? Como as técnicas tradicionais de produção artesanal podem ser valorizadas e perpetuadas enquanto

elementos culturais essenciais para a sobrevivência simbólica e econômica dessas comunidades?

Com base nessas questões, o objetivo geral deste artigo é analisar como o artesanato, enquanto prática cultural, contribui para a preservação da identidade quilombola. Como objetivo específico, busca-se promover a valorização dos saberes e técnicas tradicionais da artesã Maria, dando visibilidade ao seu trabalho e, por extensão, à comunidade de Jacarequara.

A relevância científica e social da pesquisa reside na contribuição para a valorização e preservação da cultura quilombola, destacando o artesanato como uma expressão viva da tradição, do pertencimento e da resistência cultural. O estudo também visa ao empoderamento de mulheres quilombolas, como Maria, que têm papel central na transmissão dos saberes e na sustentação econômica da comunidade. Ademais, ao documentar práticas culturais muitas vezes invisibilizadas pelos discursos oficiais, o artigo contribui para a compreensão da diversidade cultural brasileira e para a afirmação dos direitos culturais das comunidades quilombolas.

O artesanato quilombola é parte essencial do patrimônio cultural nacional, e seu estudo pode fomentar estratégias de desenvolvimento sustentável, por meio da geração de renda, da autonomia econômica e do reconhecimento sociocultural. A análise também pode estimular políticas públicas voltadas à proteção e promoção dos saberes tradicionais, bem como o reconhecimento do valor dos produtos artesanais em mercados locais e externos.

Do ponto de vista teórico, a investigação busca aprofundar o entendimento do capital cultural contido na linguagem artesanal quilombola. É fundamental que a academia se debruce sobre esses saberes, a fim de valorizá-los como formas legítimas de conhecimento e expressão simbólica (Amaral, 2010). A transmissão do "saber-fazer" torna-se, assim, uma ação política e pedagógica, indispensável para a continuidade histórica das técnicas tradicionais, evitando sua extinção e promovendo seu reconhecimento nos espaços culturais e econômicos.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a revisão bibliográfica, entrevista e a observação participante realizada em campo, especificamente na comunidade quilombola de Jacarequara. A agente social central da pesquisa é a artesã Maria, cuja prática artesanal constitui o objeto empírico que

permite a compreensão das relações entre cultura, identidade, resistência e saber tradicional no contexto das comunidades quilombolas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma o artesanato, enquanto prática cultural, contribui para a preservação da identidade quilombola. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em pesquisa bibliográfica e na utilização da entrevista biográfica como principal técnica de coleta de dados. Como observa Fontes (2019, p. 88), “a pesquisa qualitativa, por meio da entrevista biográfica, deseja expor o subjetivo como fonte de obtenção de dados empíricos”.

A etapa de pesquisa bibliográfica contemplou a revisão de produções científicas, livros e documentos que abordam o artesanato como manifestação de identidade e etnicidade nas comunidades quilombolas; a trajetória histórica dos quilombos e da população negra no Brasil; o protagonismo das mulheres negras; e ainda os debates acerca da gestão territorial e da sustentabilidade. Em complemento, a fase empírica consistiu na realização de entrevistas biográficas, conduzidas entre agosto e setembro de 2025, em quatro encontros virtuais por meio do aplicativo WhatsApp.

O cenário de investigação foi a comunidade quilombola de Jacarequara, situada a aproximadamente 16 km do município de Santa Luzia do Pará, às margens do rio Guamá. Essa comunidade rural concentra suas atividades na agricultura e no artesanato, razão pela qual foi escolhida como lócus da pesquisa, uma vez que apresenta significativo potencial para o fortalecimento do turismo comunitário e dispõe de um diversificado repertório de práticas artesanais.

A participante central do estudo foi Maria, mulher quilombola e artesã da comunidade, que aprendeu desde a infância a moldar o barro, tornando-se referência local na produção artesanal. Sua atuação confere visibilidade à cultura quilombola e reafirma a relevância do protagonismo feminino na transmissão dos saberes tradicionais. Reconhecê-la como agente social do estudo significa destacar o papel

das mulheres quilombolas como guardiãs e transmissoras de conhecimentos ancestrais, além de protagonistas no processo de valorização cultural.

Como técnica de coleta, utilizou-se a entrevista biográfica em profundidade, que possibilitou o acesso à trajetória pessoal e às experiências de vida da artesã. Esse recurso metodológico favoreceu a compreensão da relação entre sua prática artesanal, sua identidade quilombola e a ancestralidade. O formato biográfico permitiu que Maria compartilhasse suas memórias e percepções de maneira livre, contribuindo para uma leitura mais densa e significativa sobre o papel do artesanato em sua vida e na comunidade.

As entrevistas foram conduzidas com base em questões abertas, configurando-se como entrevistas semiestruturadas, que se aproximam da modalidade de história de vida. Segundo Fontes (2019, p. 90), “a história de vida também é um tipo de entrevista utilizada com o objetivo de narrar as experiências dos entrevistados, retomando em retrospectiva a trajetória de vida dos sujeitos e fornecendo, assim, diversas informações a respeito desse próprio sujeito”. A flexibilidade da entrevista semiestruturada, apoiada em um roteiro não rígido, possibilitou ao pesquisador explorar novas perguntas ao longo da interação, o que exigiu atenção constante para captar o momento adequado de introduzir temas e aprofundar respostas (Fontes, 2019, p. 89).

O processo de entrevista foi estruturado em quatro etapas. No primeiro encontro, investigaram-se aspectos relacionados ao ofício artesanal, como a aprendizagem, a relação com a natureza, o reconhecimento pela comunidade e a transmissão dos saberes. O segundo encontro concentrou-se na história da comunidade, abordando sua fundação, localização, número de famílias, fontes de renda, diversidade artesanal, regularização fundiária, cultivos e tradições culturais. No terceiro momento, discutiu-se o reconhecimento do artesanato como expressão cultural, os processos de produção, a contribuição da prática para a preservação da identidade quilombola e a valorização dos saberes e técnicas tradicionais como elementos de sobrevivência simbólica e econômica. Por fim, no quarto encontro, Maria foi convidada a narrar sua trajetória pessoal, refletindo sobre sua infância, ancestralidade, papel como mulher quilombola e sentimento de pertencimento.

O diálogo estabelecido proporcionou a troca de saberes sobre as técnicas de produção e permitiu compreender a relevância do artesanato como expressão identitária. Além das entrevistas, a coleta de dados incluiu a análise de registros visuais disponibilizados no perfil do Instagram da artesã, que documentam etapas do processo de produção — desde a coleta do barro até a queima e o acabamento — bem como a diversidade das peças confeccionadas. Esses registros contribuíram para ampliar a compreensão da materialidade, das técnicas empregadas e da transmissão intergeracional dos conhecimentos.

Ao privilegiar a história de vida da entrevistada, buscou-se valorizar seu protagonismo como sujeito de fala. Conforme destaca Fontes (2019, p. 95), “as contribuições da entrevista biográfica agregam uma forma diferente de entrevistar: o protagonismo é do entrevistado e não do entrevistador, e o ponto de vista a ser vivenciado é o do entrevistado”. Assim, o foco esteve em ouvir Maria em sua singularidade, reconhecendo-a como parte de um contexto social mais amplo, mas também como agente ativa em sua transformação.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Após a transcrição integral das entrevistas, as respostas foram examinadas de modo a identificar padrões, temas recorrentes e categorias emergentes. Em seguida, as falas foram organizadas em quatro categorias previamente definidas: identidade quilombola e pertencimento; ancestralidade e tradição; valorização dos saberes e técnicas tradicionais; e sobrevivência simbólica e econômica. Essa abordagem analítica possibilitou interpretar os sentidos e significados atribuídos pela artesã ao seu trabalho, oferecendo uma compreensão aprofundada de sua experiência pessoal e coletiva no contexto da comunidade quilombola.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 História das Comunidades Quilombolas no Brasil e na Amazônia

O termo quilombo passou a ser reconhecido como uma categoria jurídica pelo Estado brasileiro a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, com o objetivo de assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais que

possuem trajetória histórica própria, relações territoriais específicas e ancestralidade ligada ao período escravocrata. Historicamente, os quilombos constituíam espaços de liberdade para os escravizados fugidos, garantindo sua sobrevivência e a preservação de práticas culturais essenciais à identidade coletiva.

Mello e Froehlich (2022, p. 81) ressaltam que:

Os quilombolas passaram a conhecer e se utilizar dos recursos naturais existentes nos territórios que ocuparam, praticando a agricultura de subsistência, com excedentes comercializáveis, mantendo eventuais relações com os mercados de proximidade.

No Brasil, os escravizados fugidos escolhiam regiões estratégicas para se proteger da repressão colonial, formando vilas que ficaram conhecidas como quilombos. Silva e Silva (2014, p. 193) observa:

A palavra 'quilombo' é de origem banto e significa acampamento ou fortaleza. Foi usada pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravizados fugidos do cativeiro. No Brasil, esses espaços eram chamados de arranchamentos, mocambos ou quilombos, e seus membros eram conhecidos como callombolas, quilombolas ou mocambeiros.

O quilombo dos Palmares, localizado no Nordeste, foi o maior da história do país, compreendendo uma rede de 12 quilombos que abrigavam mais de 20 mil pessoas, tornando-se símbolo de resistência e preocupação para as autoridades coloniais (Silva e Silva, 2014, p. 194).

Na Amazônia, as comunidades quilombolas surgiram no período colonial, formadas por africanos escravizados trazidos à força para trabalhar na região. Guedes e Salgado (2020, p. 332) enfatizam:

[...] os espaços e ações lhes foram impostos desde o período de colonização das terras da Amazônia. Assim como seus corpos foram controlados para servirem de mão de obra ao sistema escravista.

Mesmo após o fim da escravidão, os quilombos continuam existindo no século XXI, mas com ressignificação histórica, mantendo-se como espaços de resistência cultural. Silva e Silva (2014, p. 195) sublinha:

Estes espaços encerram experiências individuais de lutas para se constituírem enquanto grupos que, à sua maneira, enfrentaram desafios para resistir física e culturalmente, sendo conhecidos hoje como comunidades remanescentes de quilombos.

Atualmente, os quilombos são formados por descendentes de escravizados que lutam pelo reconhecimento da titularidade das terras, preservação de tradições e manutenção da cultura própria. Mesmo antes da Constituição de 1988, essas comunidades enfrentavam ações judiciais e pressões de fazendeiros e empresários que tentavam se apropriar de suas terras históricas (Silva e Silva, 2014).

A Constituição Federal de 1988 reconhece os quilombolas como grupo étnico-racial distinto com direito coletivo às terras que tradicionalmente ocupam. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) assegura a titulação definitiva de seus territórios (Silva e Silva, 2014).

Guedes e Salgado (2020, p. 350) alertam:

A luta pelo reconhecimento da territorialidade negra africana tem sido um dilema enfrentado pelo povo negro desde o período da escravidão até os dias atuais. Mesmo com avanços, como a titulação coletiva das terras remanescentes de quilombos, existem limitações institucionais que dificultam o pleno reconhecimento pela sociedade brasileira.

Assim, a luta pelos direitos quilombolas se configura como uma batalha por justiça, preservação cultural e dignidade humana, apoiada por movimentos sociais, organizações e políticas públicas específicas.

3.2 Práticas Culturais de Sustentabilidade nas Comunidades Quilombolas

As comunidades quilombolas desempenham papel essencial na preservação da biodiversidade e promoção da sustentabilidade. Entre suas práticas culturais sobressaem-se:

- Agricultura rotacional, alternando áreas cultivadas para evitar a exaustão do solo;
- Uso de compostagem natural para manter a fertilidade e a saúde do solo;
- Manejo sustentável de madeiras e plantas, respeitando os ciclos de regeneração;

- Produção de alimentos orgânicos para consumo próprio e venda, promovendo segurança alimentar;
- Redução do uso de agrotóxicos;
- Aproveitamento de produtos da floresta, como óleos de andiroba e copaíba, frutas nativas;
- Coleta de água da chuva e proteção de nascentes e rios, com uso consciente evitando desperdício e contaminação (Santos et al., 2024).

Santos et al. (2024, p. 15) ressaltam:

A resignificação dos territórios quilombolas, a partir da valorização dos saberes ancestrais e da integração de práticas sustentáveis, se mostra como alternativa viável para garantir a continuidade dessas comunidades e a preservação do meio ambiente.

As práticas de manejo de produtos extrativistas, como murumuru e açaí, e a comercialização de produtos artesanais fortalecem a economia local, geram renda e emprego, e consolidam a identidade cultural (Amaral, 2010, p. 68).

Mello e Froehlich (2022, p. 81) observam:

O longo tempo de interação destes grupos com os diferentes ecossistemas resultou na configuração de distintos modos de vida e de aproveitamento dos recursos locais, com fins de subsistência e expressão sociocultural.

3.3 O Artesanato de Barro como Expressão de Identidade e Patrimônio Imaterial

O artesanato de barro é uma prática ancestral, presente em diversas culturas, que transcende a função utilitária, constituindo uma forma de expressão cultural, identidade e patrimônio imaterial. Nas comunidades quilombolas, o artesanato é também uma forma de comunicação simbólica, transmitindo valores, crenças e saberes tradicionais.

Mello e Froehlich (2022, p. 80) afirmam:

Os vínculos do artesanato com o território onde é produzido podem potencializar estratégias de construção identitária, especialmente em comunidades com forte identificação cultural, como as remanescentes de quilombos.

O artesanato envolve:

- A materialidade das peças (barro, palha, folhas, tintas);
- Técnicas de produção transmitidas oralmente;
- Narrativas, memórias e desejos compartilhados entre gerações;
- Função social e econômica, como geração de renda e promoção do turismo cultural.

Mello e Froehlich (2022, p. 90) salientam:

Há um grande valor no saber-fazer artesanal das comunidades quilombolas, sendo o artesanato um exemplar da cultura material do território e contribuindo para manter a memória cultural presente para as futuras gerações.

Apesar da importância cultural, o artesanato enfrenta desafios, como a concorrência de produtos industrializados, falta de valorização social e desinteresse das novas gerações (Froehlich; Mello, 2021 apud Mello e Froehlich, 2022, p. 79).

Portanto, o reconhecimento do artesanato como patrimônio é essencial para preservar técnicas, valores e identidades, fortalecendo o vínculo das comunidades com sua história e garantindo a continuidade do saber-fazer ancestral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados a partir das entrevistas foi organizada em categorias temáticas, permitindo agrupar informações semelhantes e discutir os achados à luz do referencial teórico.

4.1 Identidade Quilombola e Pertencimento

A identidade quilombola se manifesta na auto identificação dos membros como integrantes de uma comunidade negra rural, reconhecendo-se parte de uma cultura específica e fortalecendo o pertencimento. A artesã Maria expressa esse sentimento em seu relato:

Meu nome se chama Maria do Livramento, sou parteira da comunidade quilombola Jacarequara, eu sou benzedeira, eu sou a mulher do remédio, faço qualquer tipo de coisa, eu sou uma mulher aqui que eu sou procurada. Vendo a luta do meu povo, aprendendo a história, viver aqui é um orgulho e não quero sair daqui (Maria, 2025).

Conforme Guedes e Salgado (2020), mulheres quilombolas desempenham papel central no território, assumindo múltiplas funções que preservam o território e fortalecem a comunidade, incluindo atividades como parteira, benzedeira, curandeira, compositora e artesã.

O pertencimento se manifesta no reconhecimento dos antepassados, na valorização da história da comunidade e na continuidade do modo de vida no quilombo. Descendentes de quilombolas, reconhecidos como comunidades remanescentes, mantêm práticas culturais e ocupam territórios herdados, transmitindo saberes e tradições entre gerações (Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2005 apud Silva & Silva, 2014).

O vínculo com a terra é percebido como espaço de vida, cultura e lar, não apenas como propriedade. As relações sociais, familiares e culturais reforçam a identidade coletiva. Maria relata que a comunidade Jacarequara possui mais de 100 anos de existência, nome inspirado pela presença de jacarés na região. Atualmente, cerca de 88 famílias residem em terras tituladas pelo INCRA, cultivando agricultura tradicional e explorando extrativismo do açaí e murumuru, atividades que compõem importante fonte de renda e sustentam a vida comunitária.

Guedes e Salgado (2020) destacam que, desde a infância, muitas mulheres quilombolas assumem atividades múltiplas fundamentais à subsistência, incluindo produção agrícola, artesanal e extrativista. Amaral (2010) reforça que cada produção artesanal carrega narrativas próprias, adquirindo significado cultural e identitário. Assim, a identidade quilombola se fortalece pelo pertencimento, materializado na prática artesanal que integra técnicas ancestrais, matérias-primas locais e elementos simbólicos da cultura da comunidade (Mello & Froehlich, 2022).

4.2 Ancestralidade e Tradição

A ancestralidade refere-se à ligação com gerações anteriores e constitui base da cultura, identidade e saberes. A tradição emerge dessa herança, consistindo em práticas, costumes, crenças e valores transmitidos oralmente ou por ritos, celebrações e hábitos cotidianos.

Maria descreve seu aprendizado artesanal:

Olha, desde criança já tinha aquela habilidade, aquela inteligência já de querer aprender, eu tinha uma avó, ela tirava barro e fazia cachimbo pra ela fumar e através disso eu fui aprendendo [...] aprendi só, foi Deus que ensinou (Maria, 2025).

O artesanato, nesse contexto, é expressão identitária e conexão com o território, integrando habilidade manual e criatividade transmitida entre gerações (Mello & Froehlich, 2022). Esses elementos fortalecem o pertencimento e asseguram a continuidade da memória cultural.

Conforme Guedes e Salgado (2020), mulheres quilombolas resgatam histórias e vivências de antepassadas, perpetuando saberes não registrados em livros. Maria, ao transmitir seu ofício às filhas e a outras mulheres da comunidade, garante a preservação das técnicas e contribui para a manutenção da tradição artesanal.

4.3 Valorização dos Saberes e Técnicas Tradicionais

Valorizar os saberes e técnicas tradicionais reforça a identidade cultural e reconhece o conhecimento local, promovendo diálogo intercultural e fortalecimento coletivo. Maria detalha o processo de produção artesanal: coleta do barro, modelagem, secagem, decoração, queima, polimento e aplicação de proteção, produzindo em média 15 peças por semana. O clima influencia o tempo de secagem, que varia entre 15 e 20 dias.

Mello & Froehlich (2022) afirmam que a transmissão do modo de produção é fundamental para valorizar e perpetuar a tradição, fortalecendo o reconhecimento do artesanato quilombola perante mercados, instituições e sociedade. A fundação da associação comunitária Jacarequara, reconhecida oficialmente como quilombola em 2008, ampliou a valorização do trabalho artesanal e a identidade territorial.

A articulação política e participação em associações ou coletivos é essencial para conquistas sociais, culturais e econômicas (Guedes & Salgado, 2020). Além disso, a integração entre saber científico e conhecimento tradicional possibilita preservação, intercâmbio de experiências e fortalecimento do patrimônio imaterial (Dussel, 2009 apud Guedes & Salgado, 2020). Maria registra técnicas por meio de fotos, vídeos e trabalhos acadêmicos, garantindo a perpetuação do saber artesanal.

O desinteresse de jovens pelas técnicas tradicionais ocorre devido à complexidade do processo e ao tempo necessário para o aprendizado (Froehlich & Mello, 2021 apud Mello & Froehlich, 2022).

4.4 Sobrevivência Simbólica e Econômica

O artesanato de barro cumpre dupla função: simbólica e econômica. No plano simbólico, preserva a identidade quilombola, os valores culturais e a conexão com o território (Mello & Froehlich, 2022). Economicamente, gera renda para artesãs, familiares e outros membros da comunidade, representando possibilidade de ocupação e melhoria de vida.

Maria reforça que o artesanato contribui para solidariedade comunitária e que grande parte das vendas ocorre localmente, por encomendas, divulgação oral e redes sociais, possibilitando ganhos superiores ao salário de uma professora. Além disso, o artesanato integra o turismo local, utiliza recursos naturais de forma consciente e fortalece práticas de sustentabilidade (Amaral, 2010).

Mello & Froehlich (2022) destacam que, embora a dimensão cultural seja nem sempre percebida pelos consumidores, o artesanato contribui para o desenvolvimento sustentável, diversificação econômica e preservação ambiental. Para Maria, cada peça representa memória, história, identidade e oportunidade de renda, garantindo reconhecimento social e perpetuação da cultura quilombola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma o artesanato, enquanto prática cultural, contribui para a preservação da identidade quilombola,

destacando os saberes e técnicas tradicionais da artesã Maria e conferindo visibilidade à sua produção e à comunidade Jacarequara.

Os resultados indicam que o artesanato constitui uma expressão significativa da afirmação identitária quilombola, representada pelo sentimento do “Eu sou”, fortalecendo o vínculo com a terra, a comunidade e os antepassados. As técnicas transmitidas entre gerações — da avó para a neta, da mãe para as filhas — configuram saberes herdados que preservam a memória da matriarca e consolidam práticas culturais essenciais à identidade coletiva.

O ofício artesanal é reconhecido tanto dentro quanto fora da comunidade como manifestação de arte e cultura quilombola. Além de proporcionar visibilidade e valorização cultural, a produção em barro contribui para a geração de renda, fortalece o turismo local e promove a autonomia econômica da comunidade. Dessa forma, o artesanato cumpre papel simbólico e material, representando resistência cultural, transmissão de saberes e preservação da ancestralidade.

A análise permite concluir que o artesanato, como prática cultural, articula pertencimento, ancestralidade, tradição e sobrevivência simbólica e econômica, consolidando-se como elemento central na manutenção da identidade quilombola. O trabalho artesanal da artesã Maria, herdado de sua avó e praticado junto às filhas, materializa a memória histórica e a cultura local, reforçando a importância do ofício como instrumento de resistência e fortalecimento comunitário.

Este estudo contribui para ampliar o debate sobre o artesanato como patrimônio imaterial e resistência cultural, evidenciando seu papel na construção de identidade, valorização cultural, geração de renda e fortalecimento do turismo em comunidades quilombolas. Além disso, destaca-se a relevância de políticas públicas e iniciativas de fomento que reconheçam e apoiem o papel das mulheres quilombolas na preservação dos saberes tradicionais.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos comparativos entre diferentes comunidades quilombolas, a fim de compreender variações nas práticas artesanais e nas estratégias de preservação cultural. Recomenda-se também investigar a transmissão intergeracional dos saberes, analisando o envolvimento dos jovens nas práticas culturais e os desafios para a continuidade dos ofícios tradicionais frente às transformações sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Assunção José Pureza. **Artesanato quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia**. Cadernos do CEOM, v. 23, n. 31, p. 61-75, jan./jun. 2010.

FONTES, Baruc Correia. **A entrevista biográfica na sociologia**. Revista Sociais & Humanas, v. 32, n. 3, p. 83-97, 2019.

GUEDES, Ana Celia Barbosa; SALGADO, Mayany Soares. **Mulheres quilombolas: protagonismo, identidade, território e territorialidade das mulheres negras em São Miguel do Guamá/Pará**. Revista Eletrônica História e Reflexão (REHR) – Dossiê: História das Mulheres, Gênero e Interseccionalidades, v. 14, n. 28, p. 328-354, Dourados-MS, 2020.

MELLO, Carolina Iuva de; FROEHLICH, José Marcos. **Território feito à mão: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas**. Tessituras - Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 10, n. 2, p. 73-96, 2022.

SANTOS, Amilton Pereira dos; ALMEIDA, Carlídia Pereira; MATOS, Michele Oliveira de; SANTOS, Valéria Pôrto dos. **Gestão territorial e a sustentabilidade de um quilombo: mudanças, estratégias de enfrentamento, ressignificações**. Revista GeoUECE, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e12787, 2024.

SILVA, Giselda Shirley da; SILVA, Vandeir José da. **Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil**. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, 2014.